

## A respeito de Conimbriga

(Vid. *O Arch. Port.*, III, 145)

## 3. Inscrição romana

Existe no Museu do Instituto de Coimbra, para onde foi levada pelo Sr. Dr. A. M. Simões de Castro, que a adquiriu em Condeixa-a-Velha, uma interessante lapide calcarea, com lavores, em que se lê a seguinte inscrição, que com alguma dificuldade decifrei:

1. D M S  
R V F V S E T C A L I O  
p L G A L L I O A V i  
T O F R A T R I P I G n
5. t I S S I M O A N N  
v M X X V I I I
7. p O S V I T

Linha 1.<sup>a</sup> O D é de fôrma barbara. Segue-se espaço vazio.

Linha 2.<sup>a</sup> O R é pouco claro. O C e o A estão ligados, e este não tem traço horizontal.

Linha 3.<sup>a</sup> A primeira letra deve ser P, pois vê-se ainda uma sombra. A segunda deve ser E, mas só se vê o que indico. Depois ha espaço vazio. A letra seguinte é mais G do que C. A última deve ser I (percebe-se uma sombra).

Linha 4.<sup>a</sup> A primeira linha deve ser T, pois com o tacto conheci o traço horizontal. A penultima é E, já em parte gasto. A última é uma sombra de N.

Linha 5.<sup>a</sup> A primeira letra não se conhece, mas era sem dúvida T. Depois do ultimo N ha espaço vazio.

Linha 6.<sup>a</sup> O primeiro V é obscuro. As tres ultimas letras da linha 5.<sup>a</sup> com as duas primeiras da segunda linha formam a palavra ANNVM (genetivo = *annorum*; cf. *nummum* = *nummorum*, etc.); não podiam formar ANNORVM, porque não cabiam as letras OR.

Linha 7.<sup>a</sup> A primeira letra é P sumido. No fim espaço vazio.

Leio pois:

*D. M. S. Rufus et Caliope Gallio Avito, fratri pientissimo, ann(or)um XXVIII: posuit.*

Apesar de os dedicantes serem dois, o verbo está no singular: *posuit* (por *posuerunt*). Isto aconteceu por impericia do canteiro, que tinha na mente a fórmula mais usual *posuit*. É assim também que os nossos contos populares começam por «Era uma vez», ainda que o sujeito logico de *era* esteja no plural. Nada d'isto admira em fórmulas já consagradas pelo uso.

#### Tradução:

*Sagrado aos deuses Manes. Rufo e Calliope erigiram (este monumento) a seu amantissimo irmão Gallio Avito, fallecido de 28 annos de idade.*

*Calliope* por *Calliope* = *Καλλιόπη* (do th. de *καλλος* e do de *ᾠή*, «de bella voz») não se deve estranhar: ha outro exemplo numa inscripção da Hespanha: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, indice. *Gallius* é gentilicio que se encontra muitas vezes, não só na Peninsula, como fóra.

Altura da lapide 0<sup>m</sup>,64; largura do corpo da lapide 0<sup>m</sup>,17; altura do campo da inscripção 0<sup>m</sup>,19; altura das letras 0<sup>m</sup>,015 a 0<sup>m</sup>,017.

Alguns dos AA não tem traço horizontal.

Merecia apenas que se publicasse uma photographia d'esta lapide, por causa dos labores que apresenta.

Em Condeixa já se tinha encontrado uma inscripção, — vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 367 —, em que figura um *M. Gal(lius) Avitus*, provavelmente o mesmo que figura nesta, pelo que a inscripção se torna duplamente interessante.

#### 4. Notas diversas

Dentro da muralha romana ha um local, hoje agriculturado (terra de sementeira e olival), a que o povo chama *Ámedina* e *Almedina*, dizendo que era ahi «a cidade dos Moiros». Por lá apparecem enterados muitos objectos romanos. A muralha tem num dos pontos 3<sup>m</sup>,84 de largura, noutro 1<sup>m</sup>,82. Um dos angulos da muralha chama-se *Canto da Alcáçova*. Aqui dou na fig. 1 a gravura de um dos angulos da muralha, ao Nascente<sup>1</sup>:

<sup>1</sup> Segundo uma photographia do meu amigo e collaborador A. Mezquita de Figueiredo, que também tirou a que serviu para a fig. 2.

A muralha é feita de pedras de diversos tamanhos, argamassadas (cal e areia); estas em certos pontos estão ainda dispostas muito regularmente, umas sobre as outras, como se vê nas figuras juntas. Internamente a muralha tem em certos pontos 1<sup>m</sup>,82 de altura; externamente tem muito mais. Tanto do Norte, como do Nascente e Sul, a muralha é bastante alta. Ao Nascente, em baixo, passa o *rio dos Moiros*, que sécca de verão, mas que leva muita água no inverno, formando mesmo cascatas em varios sitios do seu curso. Num dos



Fig. 1

angulos foi aproveitado para fazer parte da muralha um grande rochedo natural, o que tambem se vê em alguns castellos medievaes. Na fig. 2 offereço aos leitores outra vista da muralha (Nascente), com os seus contrafortes.

No recinto murado encontram-se a cada passo lanços de paredes e fragmentos de telhas. Ha vestigios evidentes de casas no immenso pedregulho, caqueirada (de tegulas, de amphoras, etc.) e paredes que se divisam em certos sitios. De um dos lanços de paredes tomei as seguintes medidas: comprimento 9 metros, altura 0<sup>m</sup>,90, —lanço feito igualmente de pedra com cal e areia. Abundam tambem muito as

pedras aparelhadas. Num ponto achei grande pedaço de *opus Signinum* (cal, pedritas e pedaços de tijolo vermelho); disseram-me que «forrava uma tina com um poço pequeno ao pé», e que junto havia «telhas que parecia constituírem um cano»: no fragmento de *opus Signinum* que vi não assentava mosaico, nem tinha assentado.

Não era raro apparecerem dentro do recinto sepulturas e ossadas. Num sítio vi um monte de ossos humanos. Aproveitaram-se alguns que foram conduzidos para o Museu de Anthropologia da Universi-



Fig. 2

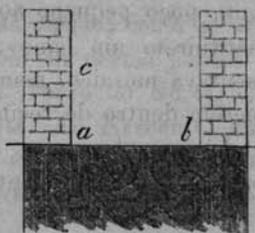
dade. Foi junto de uma d'ellas que appareceu o pé de alabastro de que se falla n-*O Arch. Port.*, III, 145.

Segundo informações que colhi, havia ainda nas ruínas de uma das casas pedaços de estuque com pinturas. Isto é vulgar apparecer no Algarve e nas ruínas de Troia.

Ao Nascente vê-se ainda uma grande parede com um cano, que em tempos antigos devia ter conduzido água da fonte de Alcabideque<sup>1</sup>, de que se fallará noutro numero d-*O Archeologo*.

<sup>1</sup> Num ms. dos fins do sec. XII, existente no Museu do Instituto, este nome tem a seguinte forma: *Alcabdech*.

Eis o crte da parede com o cano :



largura do cano ( $a-b$ ) 0<sup>m</sup>,61. Este cano parece que teve algum tempo arcos.

Do lado em que o *oppidum* no tem valle ha vestigios de segunda ordem de muralha.

Na occasio da minha visita, em 1 de Março de 1897, achei um asse muito afado, e uma moeda arabe de cobre. O facto do apparecimento da ultima moeda relaciona-se de algum modo com o onomastico local: *Almedina*, *Alcoova*, *Alcabideque*, palavras, as duas primeiras de origem arabe, a terceira com esse aspecto tambem.

J. L. DE V.

### Noticias archeologicas dos seculos XVII e XVIII

«*Relao de has moedas que se acharo.* — Ao pe da serra de Montejunto, andando h laurador chamado Martim Dominguez, morador no lugar de Canas laurando da parte do mar, descubrio c o arado debaixo da terra h Piramide de ladrilhos, dentro da qual achou h vaso mayor que meo azado cuberto c h testo, e dentro delle has moedas de cobre grossas mas piquenas c diuersos cunhos figuras e caras, e alguns characteres que mal se entendo; e outras de ouro e prata tamb c diuersos sinaes. E no fundo h cofresinho c fechadura j ferrujenta, e comido do caruncho dentro do qual estaua h cadea piquena de ouro delgada, e de mao feitio, e outra de prata mais grossa c ha medalha como a palma da mo, aberta ao buril, de ha parte h hom e ha mulher ns, e da outra ha figura c opa roagante, e na cabeça ha trunfa, e aos pes ha cobra. estava tambem h vaso piqueno torneado c seu pe ja gastado, e em baixo hum papel j quasi gastado c estas palavras escrittas no em letra muy antiga n moderna mas que se deixa b ler e so estas: